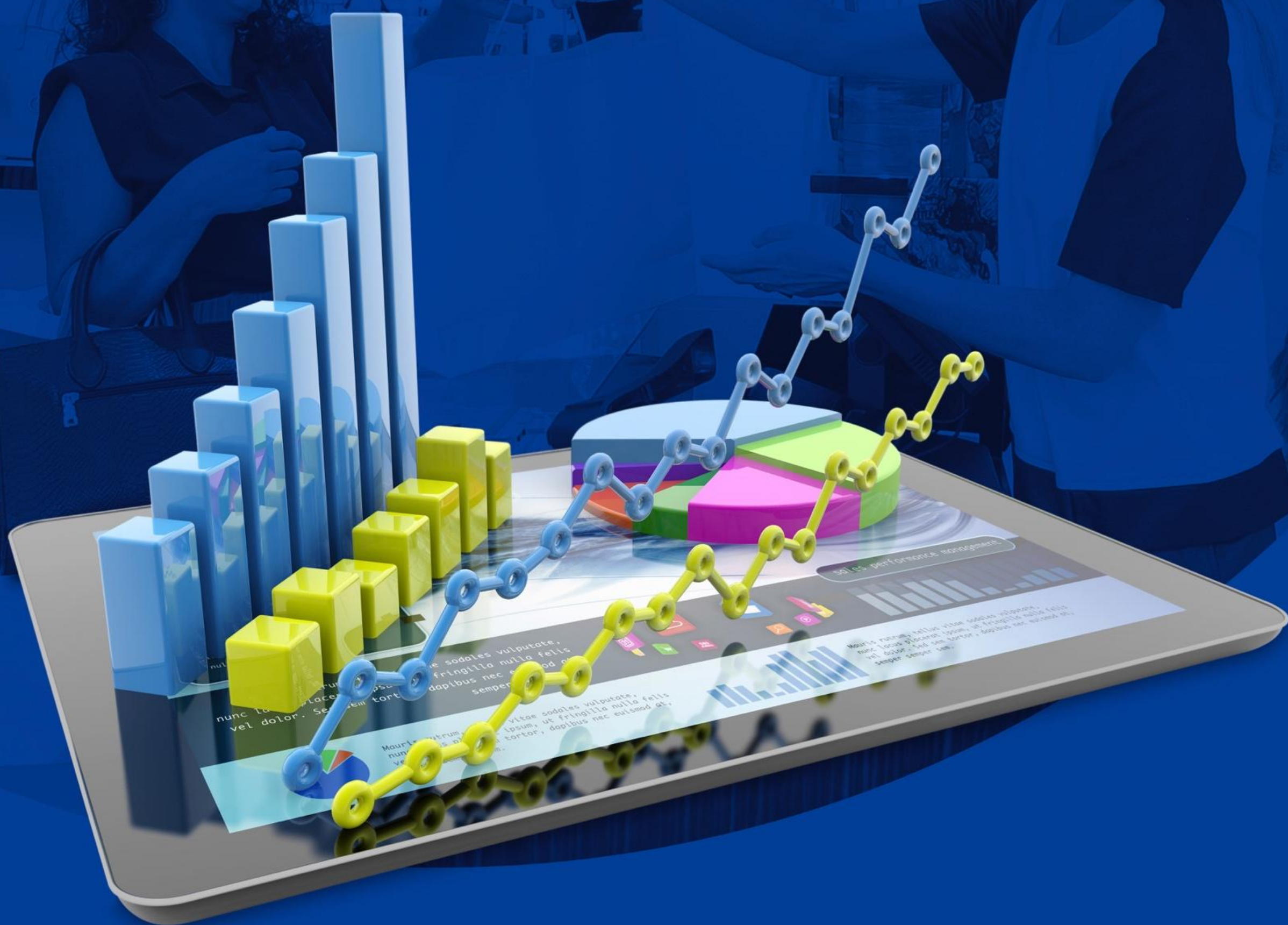




PANORAMA DO COMÉRCIO

Setembro / 2025



RESUMO

PIB SEM SURPRESA? DADOS SUGEREM CRESCIMENTO MENOR DA ATIVIDADE ECONÔMICA EM 2025, EM LINHA COM AS PROJEÇÕES; ACESSO DOS BRASILEIROS A SERVIÇOS FINANCEIROS AVANÇA

Dados do IBGE mostram que, no 1º semestre de 2025, o PIB cresceu 2,5%. O crescimento ficou abaixo do observado em 2024, quando o PIB avançou 3,4%, confirmando as expectativas de desaceleração da atividade econômica no país. Cabe notar que, nos anos anteriores, as projeções para o PIB foram reavaliadas ao longo do tempo, sempre com viés de alta. Neste ano, por ora, não há grandes surpresas. Em janeiro, as projeções indicavam um avanço de 2,0% no PIB de 2025. As projeções mais recentes indicam algo perto de 2,2%, pouco distante do desempenho inicialmente previsto.

O comércio sente os efeitos da desaceleração. As vendas do setor ainda crescem, mas a um ritmo menor do que se observava no ano passado. No acumulado dos 12 meses encerrados em julho de 2025, o varejo ampliado cresceu 1,7%. A redução do ritmo de crescimento tem relação com a elevação dos juros, que desencoraja o consumo de itens mais caros, acessados via crédito.

Há, contudo, diferenças entre os segmentos do comércio. As vendas de veículos e materiais de construção estão crescendo menos em 2025 do que cresciam em 2024. O contrário ocorre nos segmentos de móveis e supermercados, que aceleraram o ritmo de crescimento.

Panorama do Comércio

**2,5%**

Crescimento das vendas do comércio varejista no acumulado de 12 meses

**1,7%**

Crescimento das vendas do varejo ampliado no acumulado de 12 meses

**4,9%**

Crescimento das vendas de veículos, motocicletas e peças no acumulado de 12 meses

Panorama Macro

**5,1%**

Inflação acumulada em ago-25 (IPCA)

**1,35 MI**

Vagas formais criadas de janeiro a julho

**15,0%**

Taxa SELIC em porcentagem ao ano

A desaceleração das vendas do comércio teve repercussão sobre a percepção dos empresários do setor, conforme mostra o indicador divulgado pela FGV. Os dados mais recentes mostram queda da confiança desses empresários.

No front dos preços, o IPCA registrou alta de 5,1% no acumulado de 12 meses, mantendo-se acima da meta definida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN). Além disso, a inflação de serviços segue elevada. A nota positiva dos dados do IPCA vem da queda da inflação na comparação mensal, isto é, entre agosto e julho de 2025. As expectativas de queda da inflação nos próximos meses ainda se mantém, caso não haja algum choque relevante.

Por fim, os dados do mercado de crédito mostram um cenário conjuntural mais desfavorável, com avanço da inadimplência e das taxas de juros cobradas na ponta, de consumidores e empresas. O avanço da inadimplência também aparece nos indicadores apurados pela CNDL. Estruturalmente, dados divulgados pelo Banco Mundial, mostram um avanço do acesso da população brasileira aos serviços financeiros. Esse fato é positivo e pode impactar o crescimento econômico nos próximos anos, desde que a inclusão financeira seja feita sem prejuízo do controle do risco de inadimplência e do superendividamento.

Termômetro do consumidor



48,7%

Dívidas como proporção da renda de 12 meses



R\$ 3.477

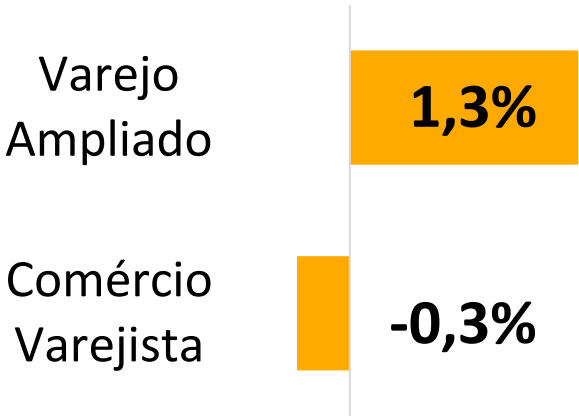
Renda média no 2º trimestre de 2025

VENDAS DO COMÉRCIO

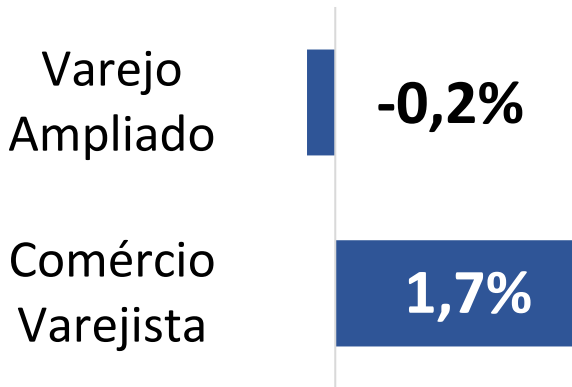
Ritmo de crescimento das vendas do comércio recua ao longo de 2025, depois de crescimento expressivo em 2024; cenário reflete alta dos juros

De acordo com dados do IBGE, em julho de 2025, na comparação com o mês imediatamente anterior, as vendas do varejo ampliado cresceram 1,3%, enquanto as vendas do comércio varejista recuaram 0,3%. No entanto, ampliando o horizonte de análise, constata-se que, de janeiro a julho de 2025, o comércio varejista teve um desempenho melhor que o varejo ampliado, com alta de 1,7%. Nessa base de comparação, as vendas do varejo ampliado recuaram 0,2%. No acumulado de 12 meses, nos dois segmentos, observa-se uma clara desaceleração do ritmo de crescimento das vendas. Nos 12 meses encerrados em julho, as vendas do comércio varejista cresceram 2,5%, enquanto as vendas do varejo ampliado cresceram 1,1%. Nos dois casos, a taxa de crescimento de julho ficou bem abaixo do crescimento observado em 2024. Essa desaceleração reflete o quadro de juros elevados. Não à toa, o impacto é mais sentido sobre as vendas do varejo ampliado, que inclui os segmentos de comércio de veículos e de materiais para construção, mais sensíveis ao custo do crédito. Nos próximos meses, os efeitos da política monetária mais restritiva ainda deve aparecer nos números do comércio.

Variação mensal Jul-25 ante jun-25

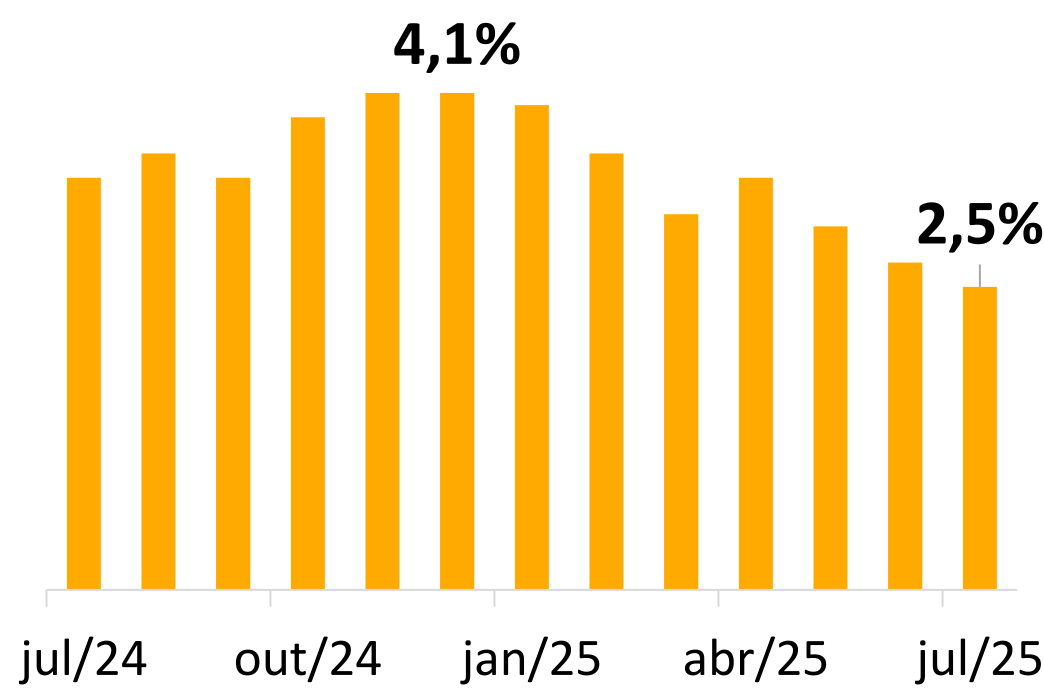


Acumulado no ano Jan-25 a jul-25 ante jan-24 a jul-24



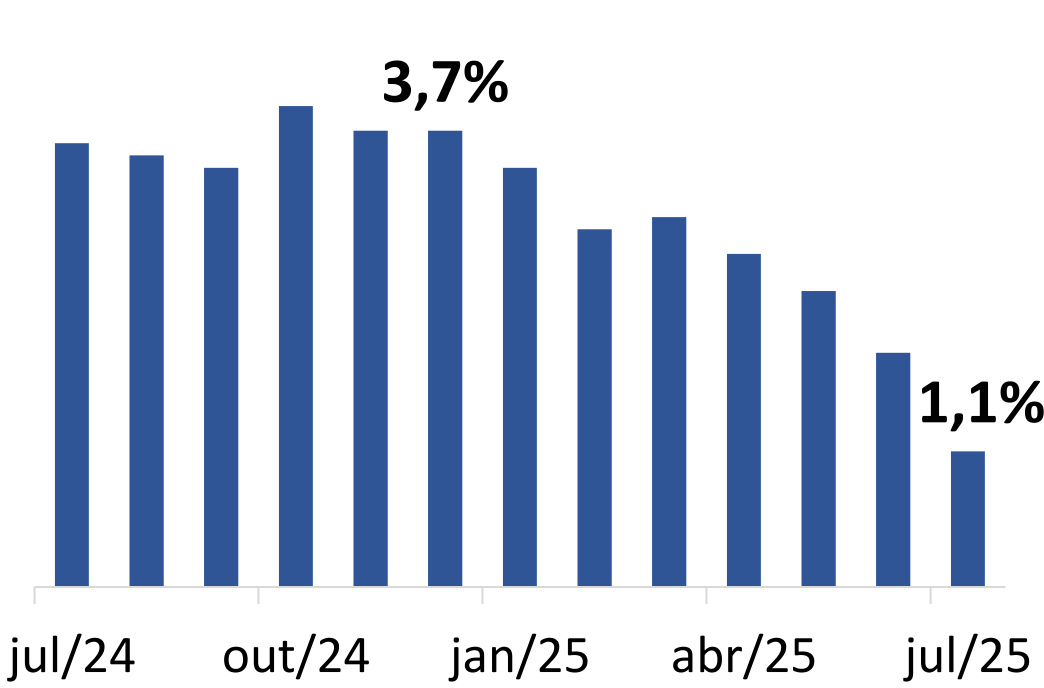
Vendas do Comércio Varejista

Variação acumulada em 12 meses



Vendas do Varejo Ampliado

Variação acumulada em 12 meses



VENDAS DO COMÉRCIO POR SEGMENTO

Vendas de “Veículos, motocicletas, partes e peças” desaceleram em julho de 2025, mostra IBGE; quatro segmentos registram recuo das vendas nos últimos 12 meses

Quais segmentos do comércio tiveram melhora e quais tiveram piora de desempenho na comparação entre julho de 2024 e julho de 2025? No acumulado dos 12 meses encerrados em julho de 2024, as vendas do segmento de “Veículos, motocicletas, partes e peças” lideraram o crescimento, com alta de 12,7%. Um ano depois, o ritmo de crescimento desacelerou. As vendas desse segmento ainda crescem, mas a uma taxa de 4,9% de acordo com o a última medição. A desaceleração também atinge o segmento de vendas de materiais para construção. Já os segmentos de “Hipermercados e Supermercados” e “Tecidos, vestuário e calçados” exibem crescimento maior em julho de 2025 do que foi observado em julho de 2024. Também se considera-se que houve aceleração naqueles segmentos que apresentaram moderação no ritmo de queda, como “Atacadista de alimentação e bebidas”

Segmento do comércio	Jul/24	Jul/25	
Veículos, motocicletas, partes e peças	12,7%	4,9%	Desaceleração
Material de construção	7,4%	4,7%	Desaceleração
Artigos médicos e farmacêuticos	5,4%	4,4%	Desaceleração
Móveis e eletrodomésticos	3,4%	3,8%	Aceleração
Tecidos, vestuário e calçados	2,5%	3,6%	Aceleração
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	2,0%	2,6%	Aceleração
Hipermercados e supermercados	0,1%	2,1%	Aceleração
Materiais para escritório	-0,2%	-0,1%	Aceleração
Combustíveis e lubrificantes	-1,0%	-1,5%	Desaceleração
Livros, jornais, revistas e papelaria	-3,3%	-4,4%	Desaceleração
Atacadista de alimentação e bebidas	-8,5%	-7,7%	Aceleração

CONFIANÇA DO COMÉRCIO

Indicador de Confiança do Comércio marca 83,1 pontos em agosto de 2025 e volta para o patamar observado em março; expectativas e avaliação da situação atual recuam

Indicador de Confiança do Comércio
Número índice (de zero a 200)

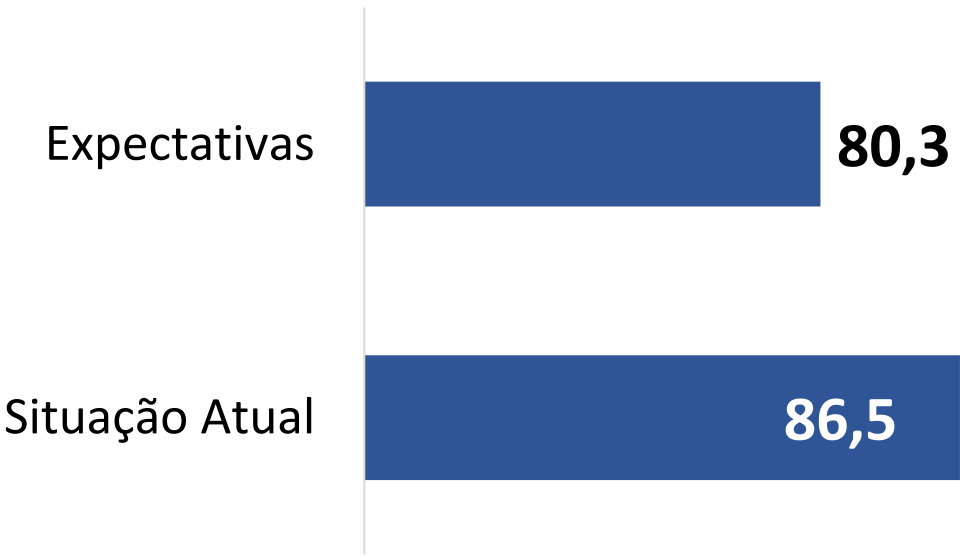
O Indicador de Confiança do Comércio, apurado pela Fundação Getulio Vargas (FGV), voltou para o nível apresentado em março de 2025, depois de alcançar 89,3 pontos em junho. Na medição de agosto, o indicador marcou 83,1 pontos, recuando pelo segundo mês consecutivo. Pela metodologia, esse indicador varia de zero a 200. Quando acima de 100, indica prevalência do otimismo.

O detalhamento do indicador mostra que tanto o componente da Situação Atual quanto o componente das Expectativas recuaram. O recuo da avaliação da Situação Atual foi de 7,4% na comparação entre agosto de 2025 e o mesmo mês do ano anterior; na comparação mensal, o recuo foi de 1,9%. No componente das expectativas, que avalia a percepção dos empresários do setor quanto ao futuro, a queda foi de 7,4% na comparação mensal e de 9,3% na comparação anual. O recuo da confiança do comércio reflete a desaceleração recente das vendas do setor

Variações
Mensal: ago-25 ante jul-25 | Anual: ago-25 ante ago-24

	Mensal	Anual
Confiança	-4,6%	-8,4%
Situação Atual	-1,9%	-7,4%
Expectativas	-7,4%	-9,3%

Componentes da confiança
Número índice (de zero a 200)



MERCADO DE TRABALHO

De janeiro a julho de 2025, 1,35 milhão de vagas formais foram criadas na economia brasileira; no comércio, mais de 119 mil vagas foram criadas no período

De janeiro a julho de 2025, 1,35 milhão de vagas formais de emprego foram criadas na economia brasileira. Considerando apenas o mês de julho, 129,8 mil vagas formais foram criadas. Os dados são do CAGED. O estoque total de empregos formais no país, independentemente da data de criação, foi de 48,5 milhões, com crescimento de 3,2% no acumulado de 12 meses. As regiões Nordeste e Norte lideraram o crescimento da criação de vagas no país, com avanço de 4,4% e 4,2%, respectivamente. Analisando os dados nacionais do comércio, constata-se que 27.325 vagas formais foram criadas pelo setor em julho de 2025. Pelo quarto mês consecutivo, o setor apresentou saldo positivo de criação de vagas. No acumulado do ano, isto é, de janeiro a julho de 2025, o comércio criou 119.219. O setor de serviços, que liderou a criação de vagas no período, registrou saldo de 688.511. Os números mostram, em suma, que o mercado de trabalho formal segue aquecido no país.

1,35 MM

Saldo de vagas criadas de janeiro a julho de 2025



129,8 mil

Saldo de vagas criadas em julho de 2025



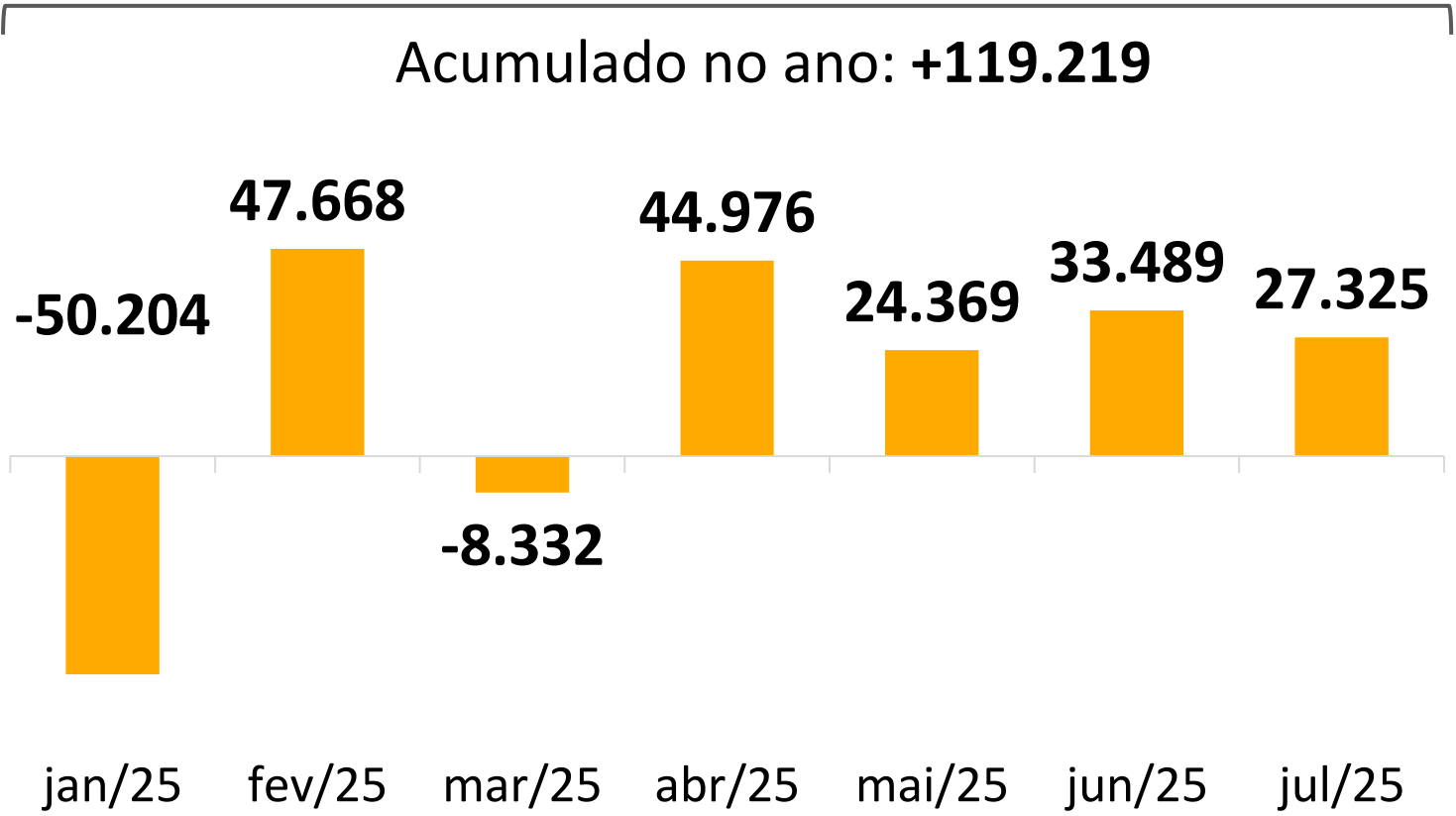
48,5 MM

Número total de vagas formais independentemente do mês de criação



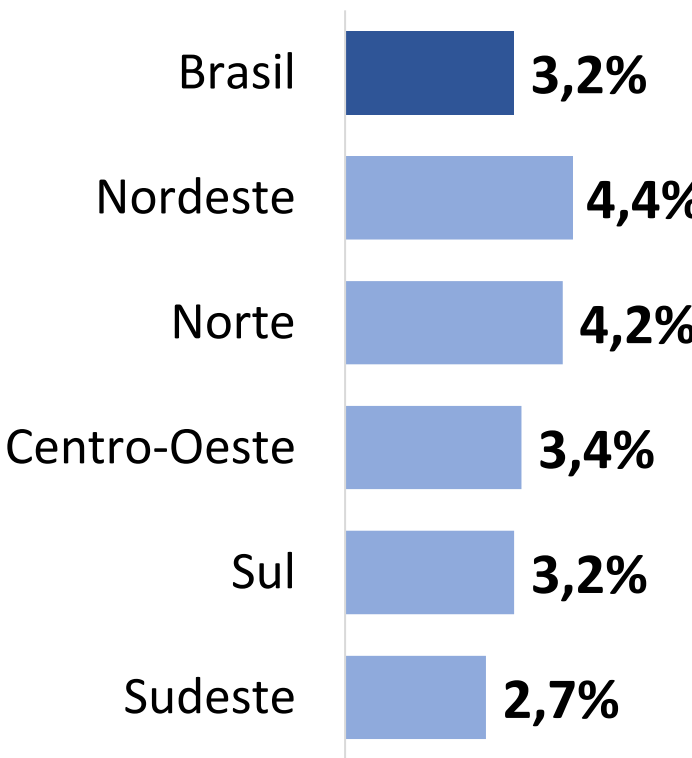
Criação de vagas no comércio

Diferença entre o total de admissões e o total de demissões



Crescimento do estoque de vagas

Acumulado em 12 meses



INFLAÇÃO

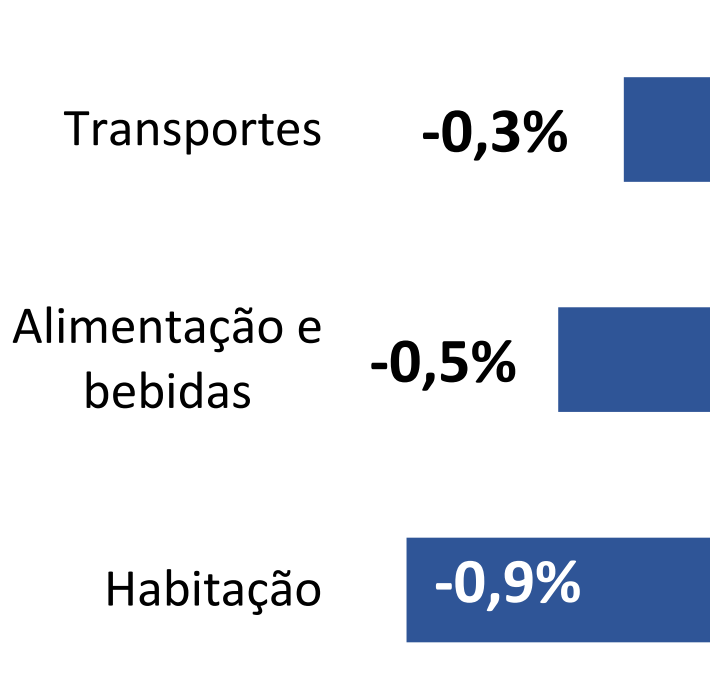
IPCA recua 0,11% na comparação entre agosto e julho, mas permanece acima da meta no acumulado de 12 meses; inflação de serviços também persiste



-0,11%

Variação mensal do
IPCA (ago-25 ante
jul-25)

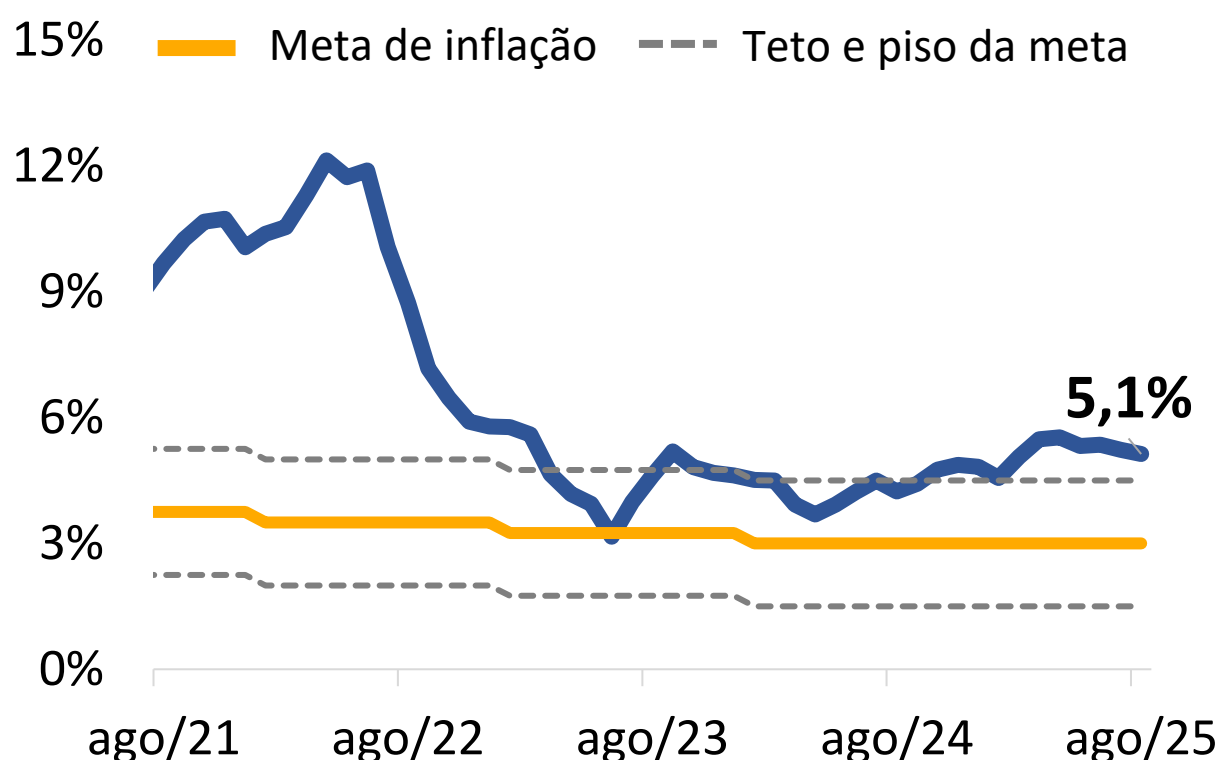
Maiores contribuições para a queda mensal



Entre agosto e julho de 2025, o índice oficial de inflação (IPCA) recuou 0,11%, de acordo com dados do IBGE. Contribuíram para essa queda os itens de Transportes, Alimentação e bebidas e Habitação. No acumulado dos 12 meses encerrados em agosto, observa-se que o IPCA registra leve desaceleração, isto é, uma alta menor do que em meses anteriores (5,1%). Mesmo com a desaceleração, o resultado do ainda persiste acima da meta de inflação, fixada em 3,0%. O último mês em que a inflação acumulada em 12 meses coincidiu com a meta foi em junho de 2023. Desde então, os preços sobem mais do que o estipulado pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), que define a meta de inflação no país. O detalhamento dos dados mostra ainda que a inflação de serviços segue pressionada. Na última medição, a alta foi de 6,1%. A trajetória da inflação é o que norteia a política de juros. Quanto mais rápida e consistente for a desaceleração do IPCA, mais rápido pode vir o corte de juros – algo muito aguardado pelo setor produtivo.

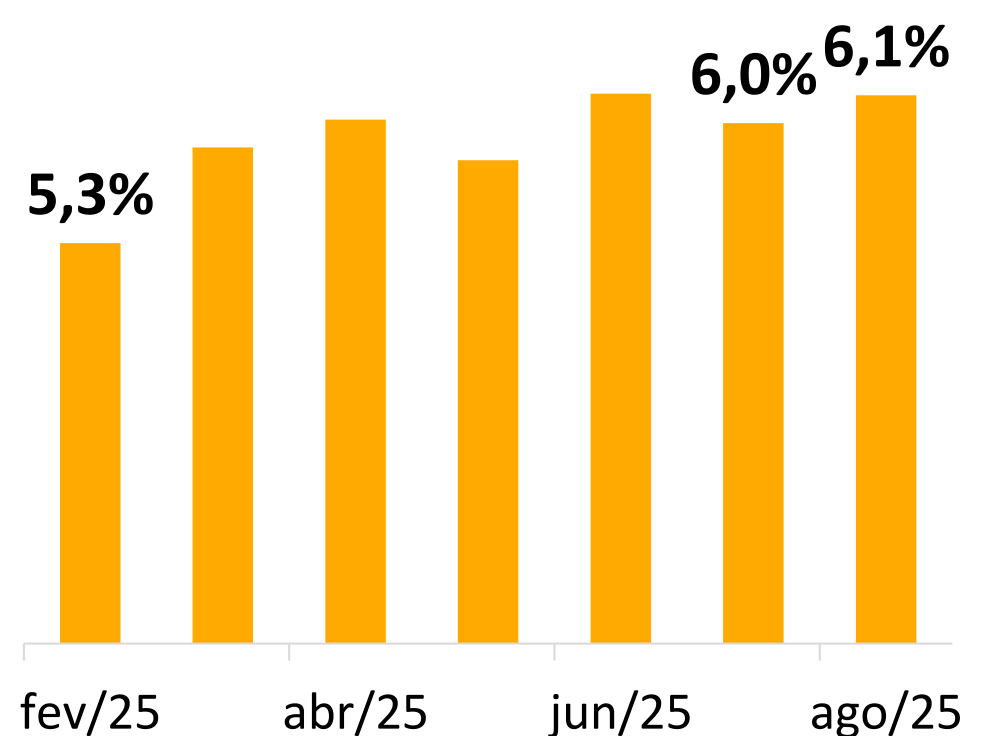
IPCA

Acumulado em 12 meses



Inflação de Serviços

Acumulado em 12 meses



PIB DO 2º TRIMESTRE

Dados do IBGE mostram crescimento de 2,5% no PIB do 1º semestre de 2025; PIB do comércio avança 1,5%, refletindo a desaceleração do setor



R\$ 3,18 tri

Valor corrente do PIB no 2º trimestre de 2025

PIB por setor

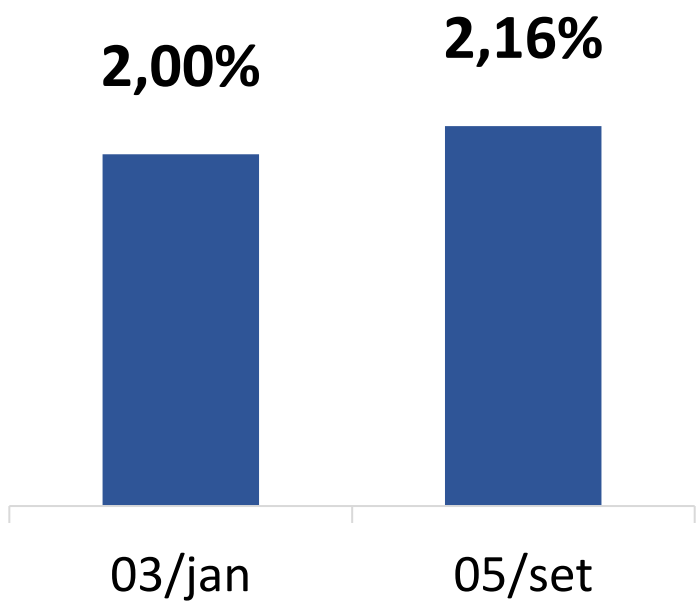
1º semestre de 2025 ante 1º semestre de 2024

PIB	2,5%
Agropecuária	10,1%
Serviços	2,0%
Comércio	1,5%
Indústria	1,7%

No 2º trimestre de 2025, o PIB brasileiro chegou a R\$ 3,18 trilhões, de acordo com dados do IBGE. Considerando o PIB acumulado no 1º e no 2º trimestre do ano, o avanço foi de 2,5% na comparação com o mesmo período do ano anterior. A abertura dos dados por setor revela que o setor agropecuário registrou o maior avanço do PIB, com alta de 10,1% no período. Depois do revés sofrido em 2024, o setor se recupera com projeções bastante favoráveis para a safra de 2025. No setor de serviços, em que o comércio está incluído, o avanço foi de 2,0% no 1º semestre do ano. O PIB do comércio registrou um avanço menor do que a média dos serviços, com avanço de 1,5%. Diferentemente do que se observou nos últimos anos, ao longo de 2025 as projeções para o crescimento do PIB não mudaram de maneira significativa desde o início do ano. O primeiro Boletim Focus de janeiro apontava um crescimento de 2,0% ao longo do ano. No Boletim Focus de 05 de setembro, as projeções indicavam um crescimento de 2,16% em 2025.

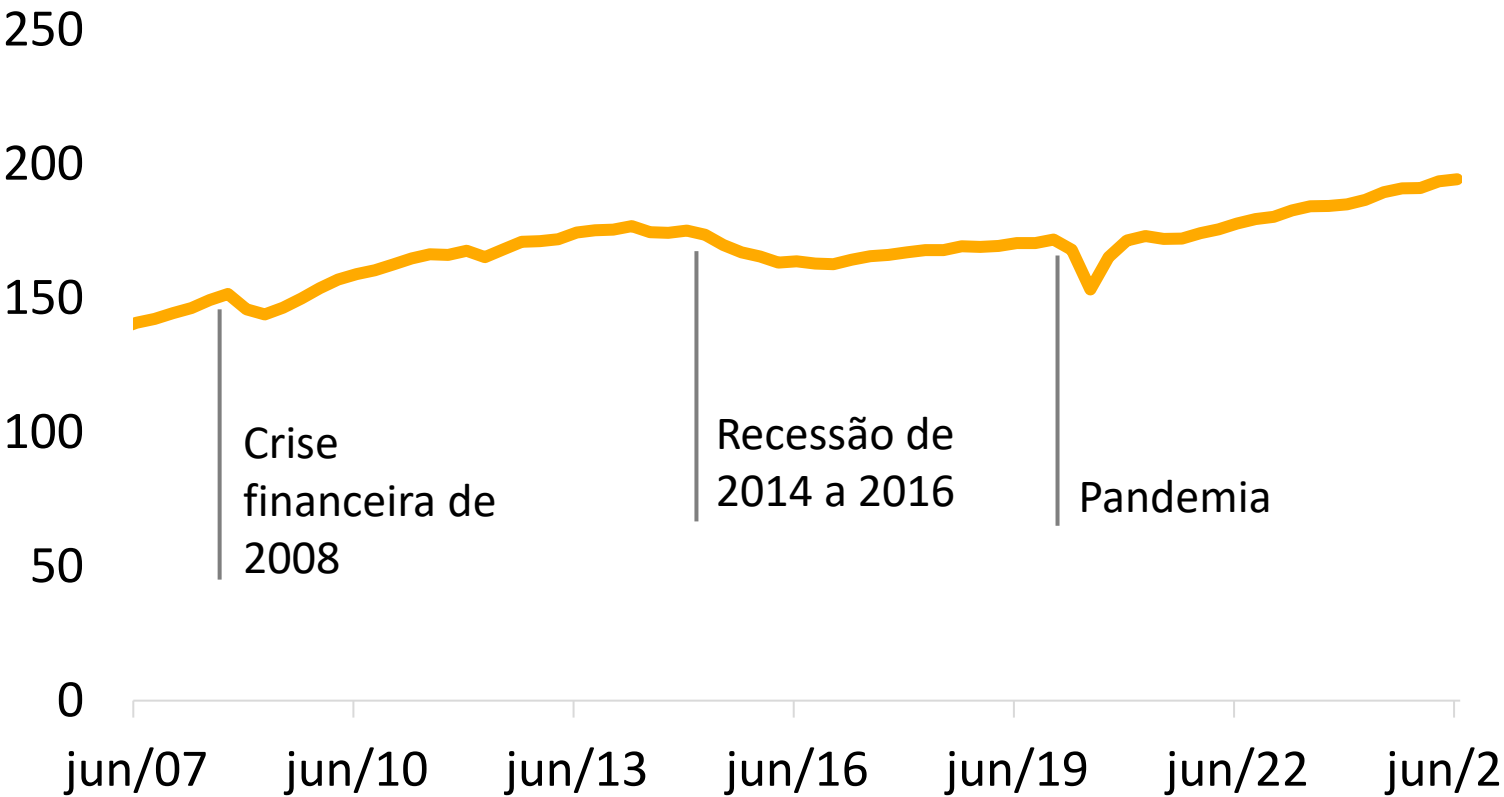
Projeção de crescimento do PIB

2025 ante 2024



Produto Interno Bruto (PIB)

Série histórica | Número índice (média mensal de 1995 = 100)



MERCADO DE CRÉDITO

O estrutural e o conjuntural: inclusão financeira avança no Brasil com crescimento da população “bancarizada”; aumento dos juros e da inadimplência são desafios conjunturais

Em julho de 2025, a taxa de inadimplência bancária chegou a 4,5%, de acordo com dados do Banco Central. Essa taxa é medida como a proporção do saldo de crédito com atraso superior a 90 dias. Na comparação com janeiro de 2025, quando a taxa de inadimplência foi calculada em 3,5%, o avanço foi de 1,0 ponto percentual. Já a taxa média de juros apurada pelo Banco Central recuou nos últimos dois meses, alcançando 35,9%. Observa-se, no entanto, que esse recuo sucede um período de avanço dos juros no país. Para comparação, em janeiro de 2025, a taxa média de juros foi estimada em 34,0%. Esses dados representam o componente conjuntural do mercado de crédito. Estruturalmente, observa-se um crescimento da bancarização no país, conforme mostram os dados do Global Findex 2025. Ao longo dos últimos 11 anos, o percentual de “bancarizados” cresceu de 55,9% para 86,4%, o que representa um avanço importante da inclusão financeira. O momento agora exige um esforço para que a inclusão ocorra com níveis controlados de risco de inadimplência e superendividamento.

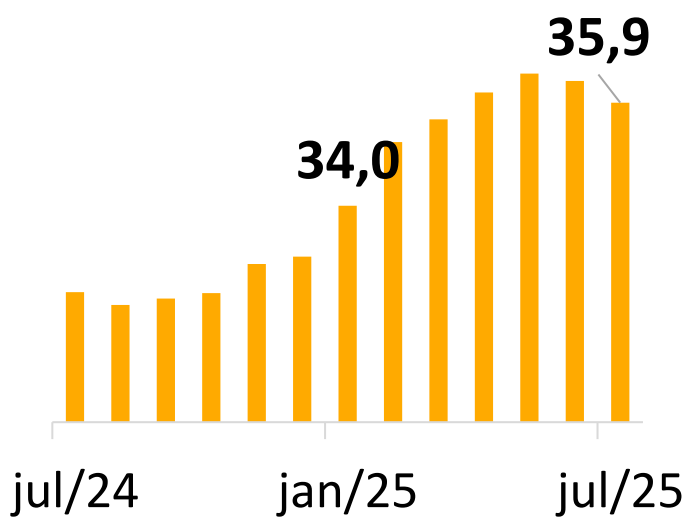
44%

Percentual de brasileiros com cartão de crédito em 2024 (ante 29% em 2011)



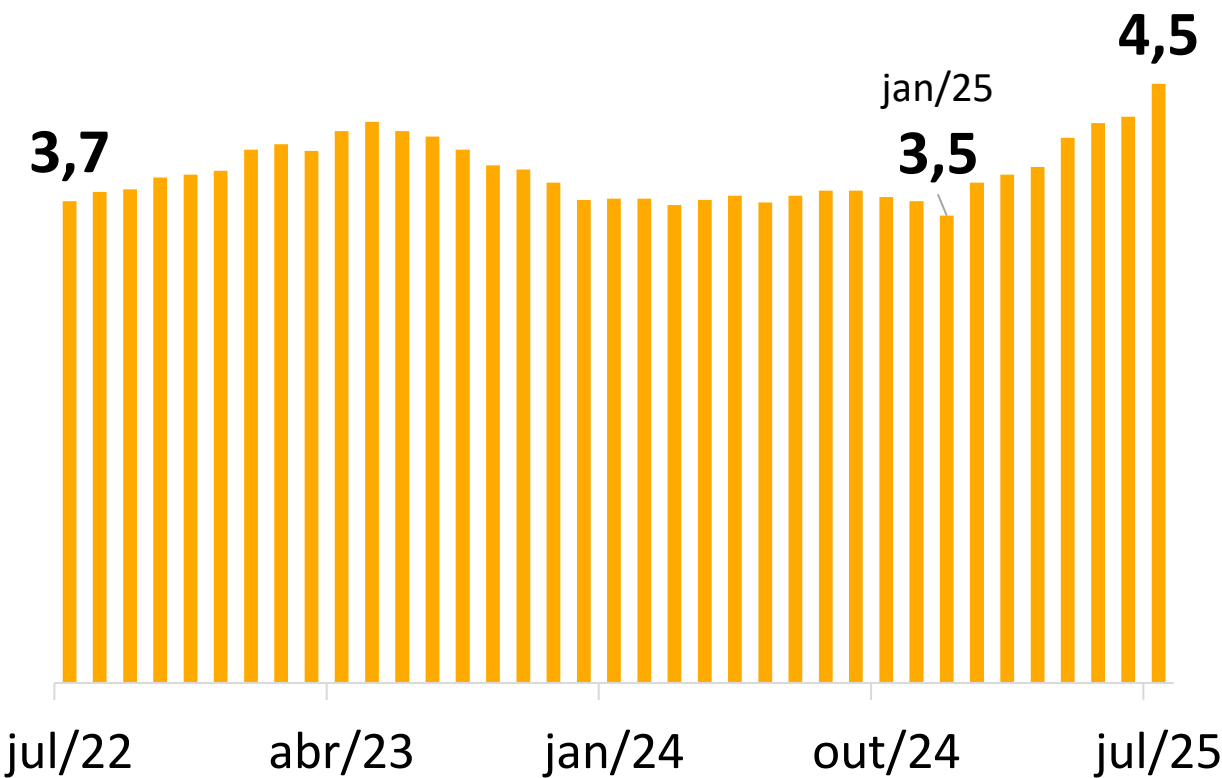
Taxa média de juros

Em % ao ano



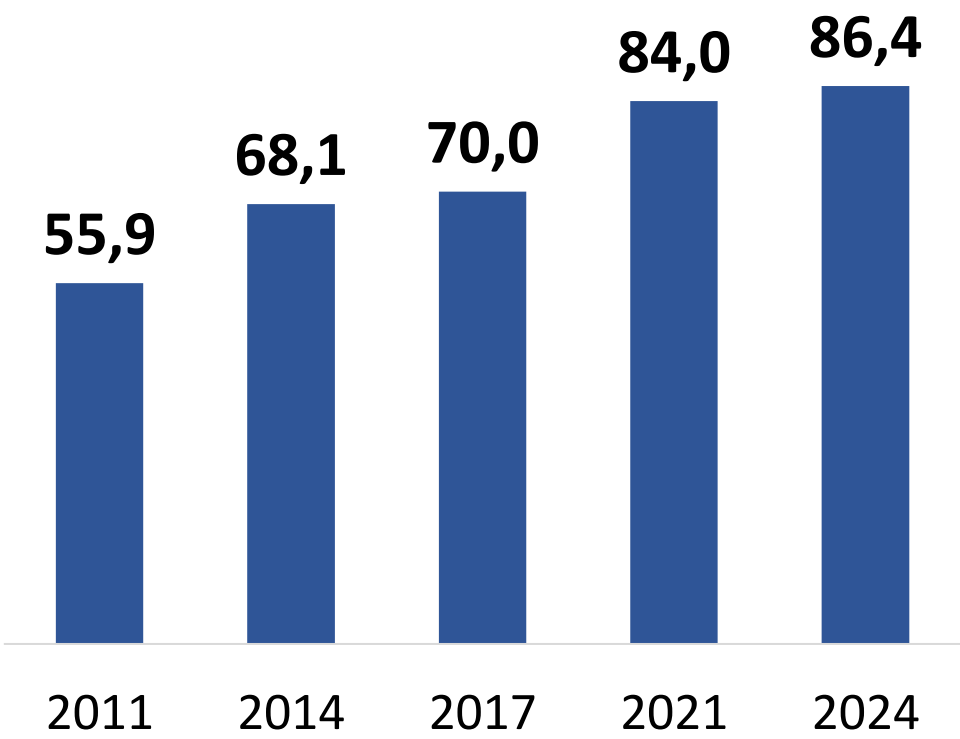
Inadimplência bancária PF

% do saldo de crédito com atraso superior a 90 dias



“Bancarizados” no Brasil

% População com mais de 15 anos

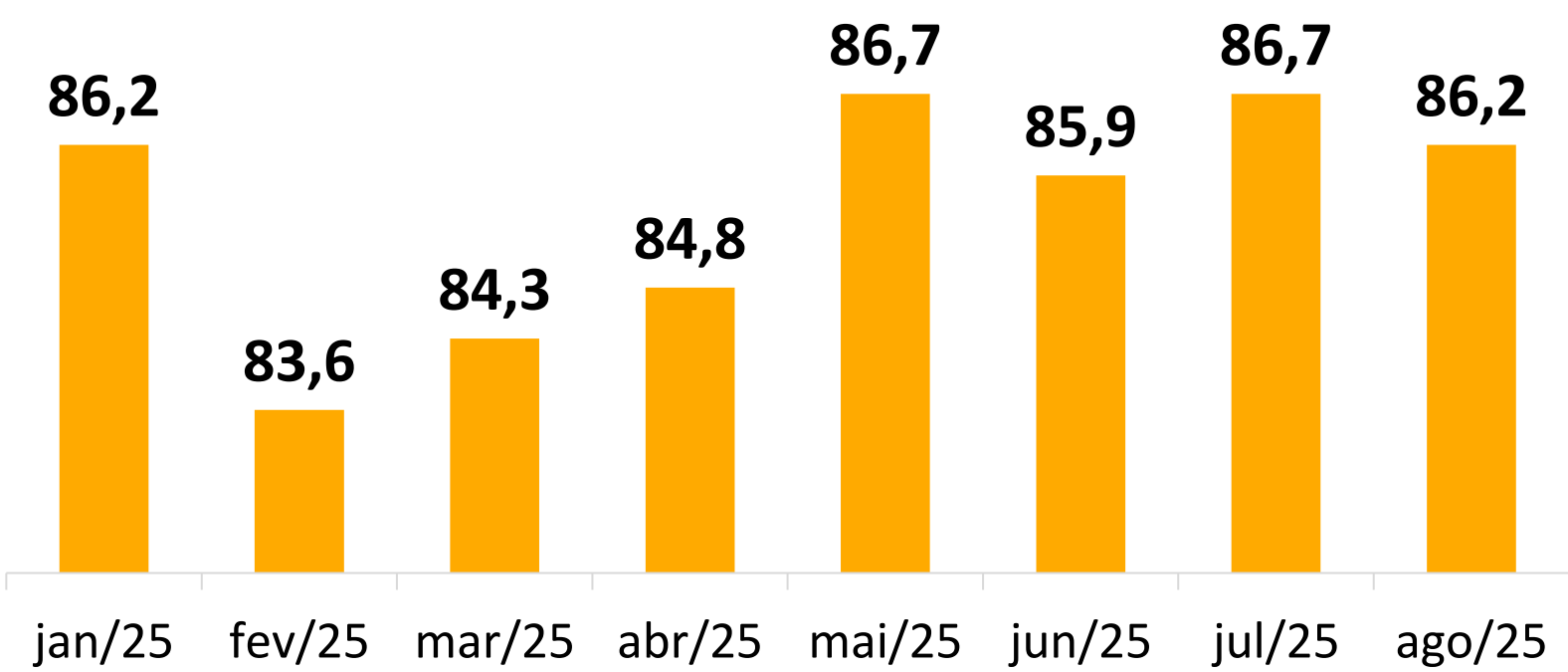


TERMÔMETRO DO CONSUMIDOR

Renda média segue crescendo no país, mas sem impacto na confiança dos consumidores; dados do Banco Central apontam endividamento ainda elevado

Indicador de Confiança do Consumidor

Percentual da renda acumulada em 12 meses com dívidas

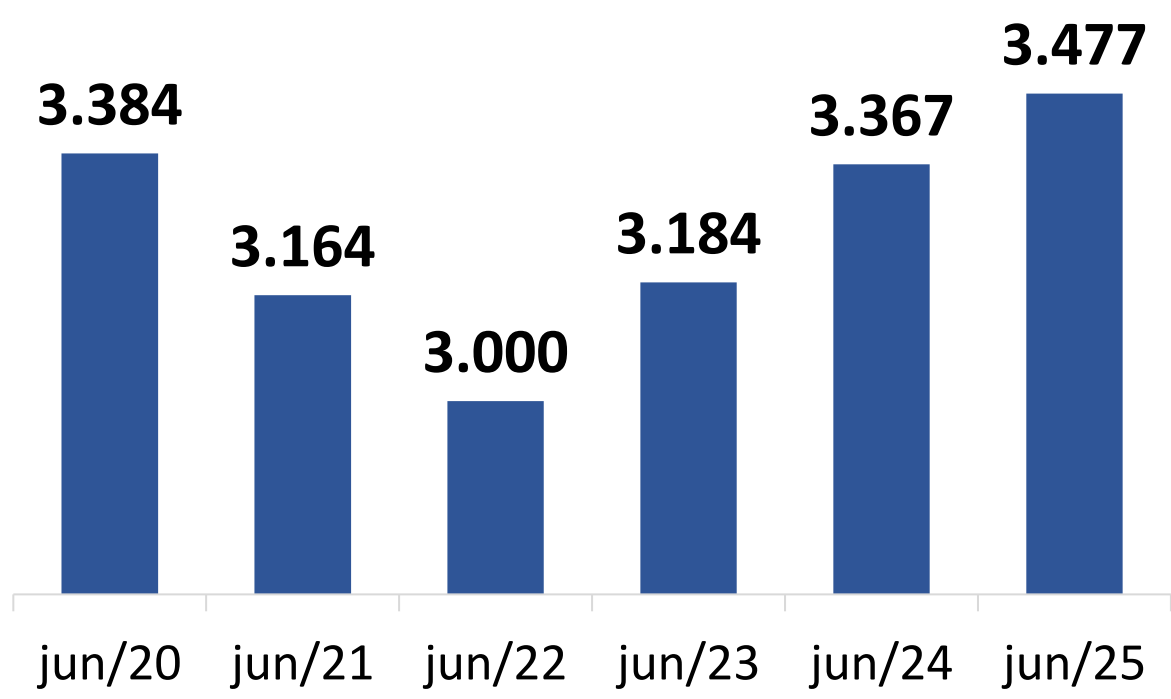


No início do 2º trimestre de 2025, o Indicador de Confiança dos Consumidores, apurado pela FGV, ganhou novo fôlego, recuperando-se queda observada em fevereiro. No entanto, nos meses mais recentes, esse indicador passou a oscilar em torno dos 86 pontos.

O indicador permanece, assim, distante dos patamares historicamente baixos vistos na pandemia, mas também longe de apresentar otimismo prevalecente entre os consumidores. Isso acontece mesmo com o avanço da renda média observado nos últimos anos. De acordo com dados do IBGE, a renda média real estimada em junho de 2025 alcançou R\$ 3.477. Esse descolamento da renda e da percepção dos consumidores pode ser explicado pelo aumento do endividamento que ocorreu ao longo de 2021 e que não foi revertido desde então. Segundo dados do BC, as dívidas com o Sistema Financeiro Nacional representam 48,7% da renda acumulada em 12 meses.

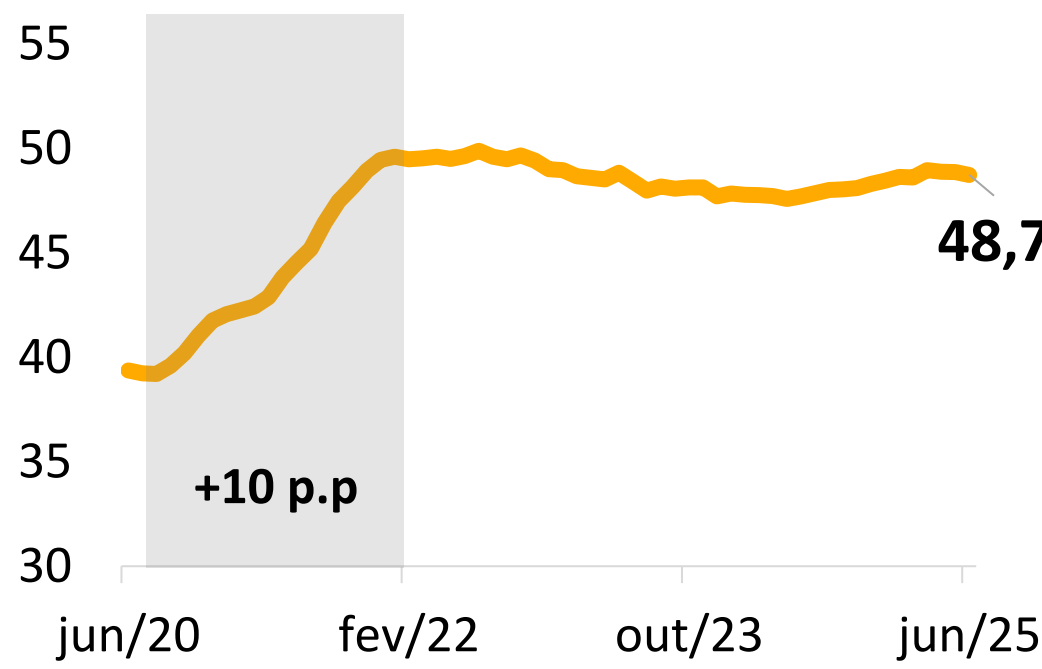
Renda média real

Em R\$



Endividamento das famílias

% da renda acumulada em 12 meses



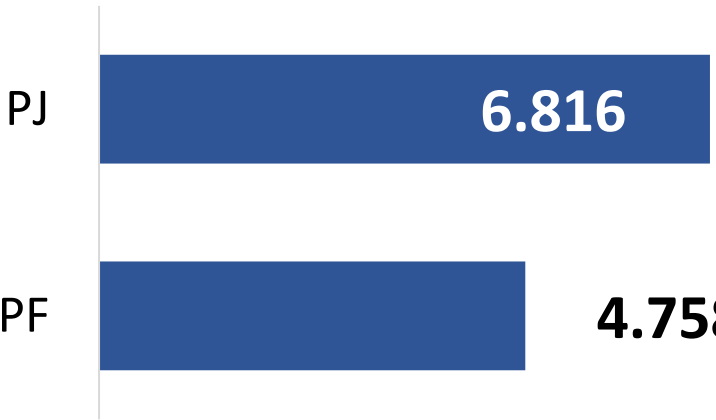
INDICADORES DE INADIMPLÊNCIA

Inadimplência apurada pelo SPC Brasil e CNDL avança entre consumidores e empresas e corrobora dados do BC; maior parte das dívidas tem setor bancário como credor

Crescimento do número de negativados



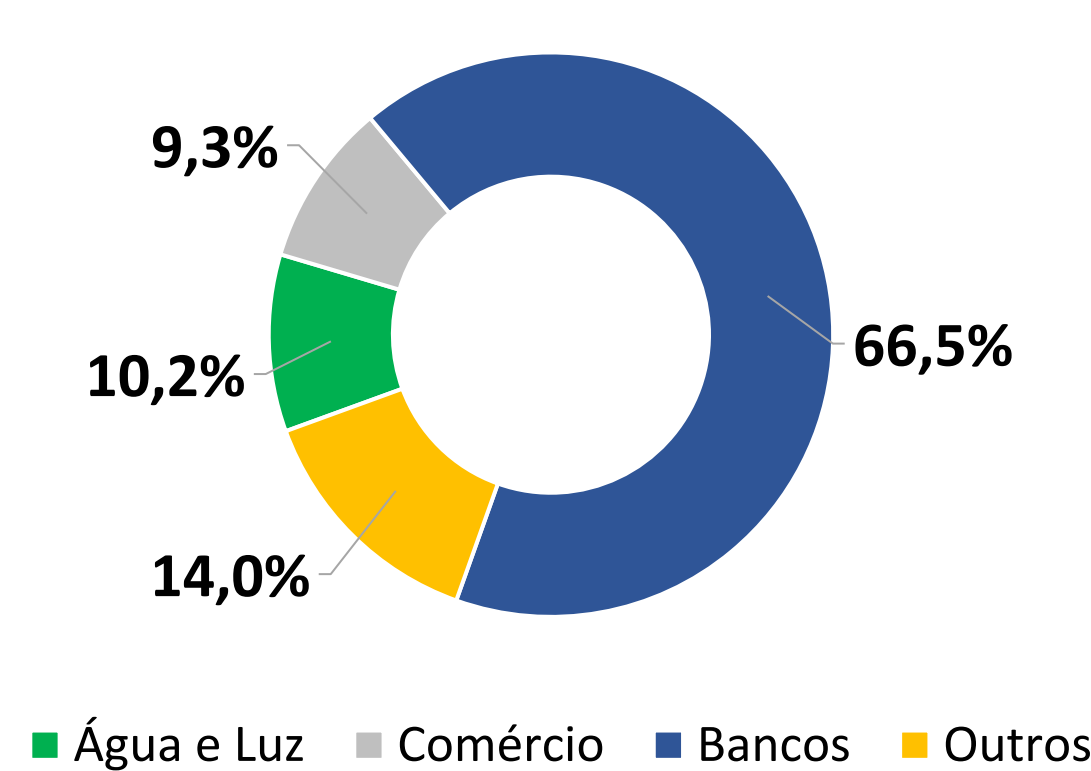
Crescimento do número de empresas negativadas



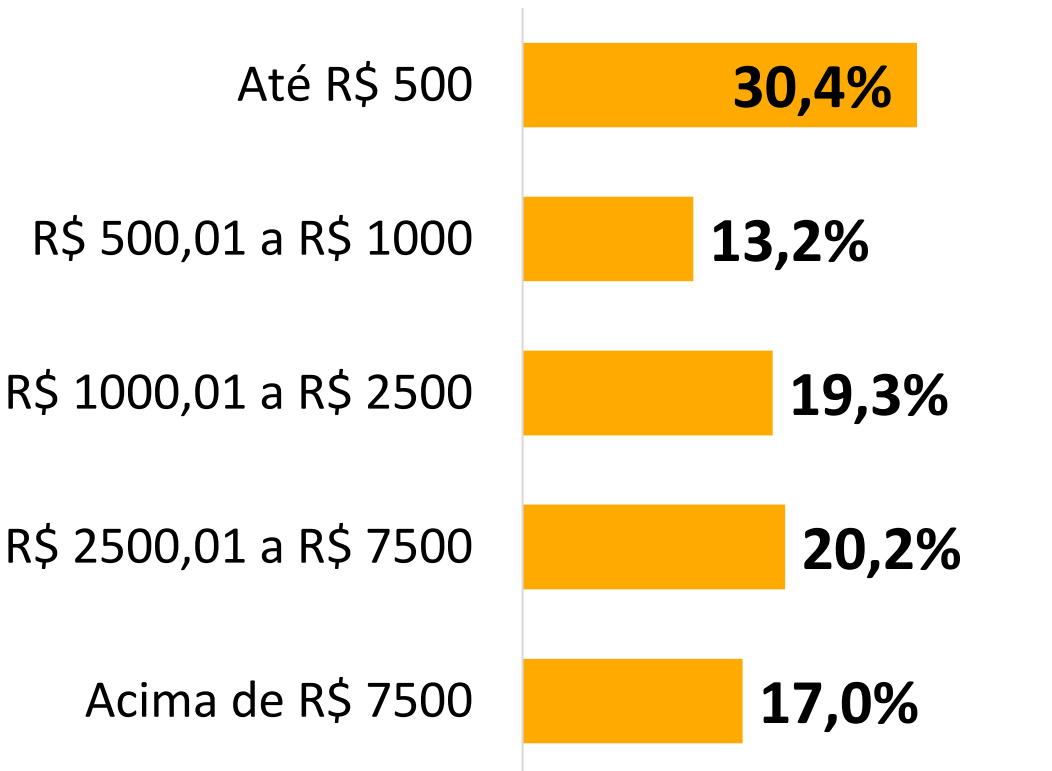
Dados apurados pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo SPC Brasil mostram que, em agosto de 2025, o número de empresas negativadas no país cresceu 11,9% na comparação como mesmo mês do ano anterior. Já o número de Pessoas Físicas (PF) negativadas avançou 9,2% nessa mesma base de comparação. Mantém-se, de acordo com esses dados, a tendência de aceleração do fenômeno de inadimplência no país. A estimativa do número de pessoas físicas negativadas alcançou a marca de 71,78 milhões. O valor médio devido por negativado chegou a R\$ 6.816 no segmento de empresas e a R\$ 4.758 entre as Pessoas Físicas. Constata-se ainda que 30,4% dos consumidores negativados têm dívidas que somam até R\$ 500. Além disso, do total de dívidas de Pessoas Físicas, 66,5% tem como contrapartida o setor bancário. Esse dado requer atenção, sobretudo neste momento de elevação das taxas de juros, que encarece as operações de crédito.

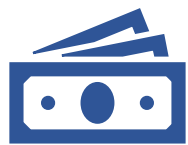
Dívidas por setor

Participação no total de dívidas



Porcentagem de devedores por valor devido (PF)





CONSUMO ONLINE

71% dos consumidores compram online mensalmente

O e-commerce consolida-se como um canal de compra indispensável para o consumidor brasileiro. Uma pesquisa realizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), em parceria com a Offerwise Pesquisas, aponta que nos últimos 12 meses anteriores ao levantamento, 119,2 milhões de consumidores residentes nas capitais do país fizeram pelo menos um compra pela internet, o que representa 73% dos entrevistados. Em relação à frequência das compras, sete em cada 10 consumidores (71%) compram online pelo menos uma vez por mês, enquanto 53% algumas vezes por mês, 15% semanalmente e 3% todos os dias.

[Confira a pesquisa](#)

Os produtos mais comprados pela internet são:

- roupas, calçados e acessórios (46%)
- comida por delivery (34%)
- remédios e produtos de saúde (28%)
- artigos para casa (28%)
- cosméticos e perfumes (26%)

Em relação à segurança nas compras online, a pesquisa mostra que 19% dos entrevistados foram vítimas de fraude online nos últimos 12 meses, enquanto 20% sofreram tentativa de fraude, sem prejuízo financeiro e 58% nunca passaram por essa situação.

Quando perguntados sobre a sensação de segurança nas compras, **os consumidores deram uma média 8,0** em escala de 1 a 10.

Quando investigado os sites e/ou aplicativos mais utilizados nas compras, percebe-se o domínio dos marketplaces internacionais no Brasil: 96% dos consumidores compram neles. Os principais são:

- Shopee (73%)
- Mercado Livre (63%)
- Amazon (39%)
- Shein (37%)
- Americanas (29%)
- Magalu (28%)

Na percepção dos consumidores, as principais vantagens das compras online são:

- preço baixo (44%)
- comodidade de comprar sem sair de casa (33%)
- economia de tempo (26%)
- flexibilidade de horário (23%).



www.cndl.org.br